

ARTES PLASTICAS

MANABU MABE

MANABU MABE acha-se no Brasil desde 1934 e decerto sua vida em Lins até bem pouco tempo não se diferenciava da vida de seus maiores, em Kumamoto. Agora, porém, desde a grande medalha de ouro do VII Salão Paulista de Belas Artes, desde o Premio Leirner, desde o Grande Premio da V Bial e desde o Premio Fiat da Bial de Veneza, ele não é mais um lavrador radical; de então para cá deixa em suas terras de eremita, em cada estação do ano, que larvas e lagartas se metamorfoseiem em borboletas, e tem especial carinho pelas ninfas e pelas crisalidas, parando a todo instante o seu roteiro na aba do monte e na orla da mata para ver sair do corte alcalino do magna o prisma volátil das cores que o inspiram.

Sim, pois, esse homem do campo, como Vlamínck e Bissière, caiu um dia, aos vinte e três anos de idade, dos varais do arado, quando certo feixe de raios de sol o fulminou na estrada de Lins e iluminou para a sua visão uma paisagem igual a que Agostinho viu em Ostia. Desde então, anda a perseguir a orla deslumbrada de uma elipse, a sua pintura, onde observa com obediência de irmão leigo as regras que condicionam as orbitas.

Manabu Mabe é, pois, pintor. Mas, tendo nascido no Japão, vejamos primeiro se a sua curiosidade o fez voltar-se para a arte contemporânea de sua ex-patria.

Da grande equipe atual de abstratos nipônicos decerto ele se deteve, com a curiosidade beavorista de todo oriental, nos modulos mais em voga, como outros patricios fazem quanto a maquinas fotograficas, por exemplo. Sua vocação não sintonizaria com os processos de Kumi Sugai e Waichi Tsutaka; muito menos com a caligrafia de Mitsuo Kanoch e os totem e os tabus de Gen Yamaguchi. Sendo da terra, do chão, há de ter gostado mais da materia de Hasegawa e Inokuma, de Saito e de Sano. Mas também é da dialetica nipônica verificar bem o que se está fazendo no Ocidente; e sem duvida em quem Manabu Mabe prestou mais atenção, aqui pelos salões e pelas bienais, foi em Danilo di Prete e, um pouco mais longe, em Le Witt.

Inferre-se isso do comportamento domingueiro de todo lavrador: olha em redor, pelas vitrinas e bancas, procura aclimatar-se.

Sendo um autodidata, Manabu Mabe o é na boa acepção útil e eficaz do empirico que sabe adaptar-se a horarios e programas. Por certo não nasceu abstrato. Nem figurativo; nem informal; muito menos tachista. O que ele nasceu foi lavrador e pintor, e jamais ne-

José GERALDO VIEIRA

gará a missão da abundancia.

Nasceu pintor, mas sem antolhos; antes, com lentes dioptricas diante das retinas. Sabe conhecer as madrugadas e os diluculos, o meio-dia a pino e a fresta azul por entre as tormentas. Por isso, desde que sua tela é a terra, desde que seu arado é um pincel grosso, desde que seus pigmentos são a silica, o gnaisse, o enxofre, o magnésio, o cadmio, os colóides, o mercurio, os oxidos, os carbonatos e os sulfuretos, e desde que o modelo é o chão, a entranha do vale, o ombro da colina, a surpresa da nuvem, desde então ele lavra a sua arte, trata dos seus alqueires e produz com frequencia o milagre da transubstanciação.

Resulta que sua arte é, como o pão do seu campo de soja, uma substancia capaz de, pela sinceridade, pelo sacrificio, transformar-se numa eucaristia imprégnada de terra, de sangue, de enxertos, de aluviões, de luares, de vias lacteas, de tormentas, de metáforas, de mensagens.

Não é uma arte modal nem circunstancial. Não se parece com aquilo que primeiro o orientou, depois o seduziu e de que em seguida se libertou. E' a sua consciencia de posse e exilio na terra. Como os infantes que na guerra pisaram a lama e a vasa dos arquipelagos invadidos, ele soube desferir jatos de lança-chamas sobre as inspirações alheias, pa-

Autodidata



Manabu Mabe

ra criar a sua solidão de prisioneiro da sua gruta antipoda. Tornou safaro e arido o ambiente para trabalhar no solipsismo de sua descoberta, de sua autonomia singular.

Cria sua safra periodica, não importa formulas de Hasegawa nem de Inokuma, já se esqueceu de Saito e de Sano, de Le Witt e de Danilo di Prete. Chegou à afasia total, que invalida comunicações. Só sabe, nessa fulgurante cegueira cromatica, comunicar-se por sinais: rajadas de cor; metáforas de fibras; ascensões de levitação. Lembra-me o macrobio São Jeronimo, preso na predella, a cumprir sua gloriosa penitencia de ser fiel a sua vocação.

Há dois anos morria Pio XII

Precisamente há dois anos, no dia 9 de outubro de 1958, falecia na Cidade do Vaticano o papa Pio XII. Descendente de familia que já havia dado à Igreja outros ilustres servido-